

A Anta da Capela da Senhora do Monte

Contribuição para o estudo do megalitismo da freguesia de Penela da Beira

The Dolmen of Senhora do Monte's Church

POR

Agostinho Campos Ferreira *

Do Conselho Director da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

INTRODUÇÃO. INFORMAÇÕES DE CARÁCTER GERAL

Ao procurarmos na freguesia de Penela da Beira ⁽¹⁾, elementos com interesse arqueológico ⁽²⁾, numa zona de planalto, que havia sido recentemente devorada pelo fogo (Fig. 4), deparamos com um cenário que nos impressionou fortemente. Enquadrado nas ruínas de uma velha capela, aparecia um conjunto de pedras que se assemelhavam a uma anta. E foi com crescente emoção e curiosidade que nos aproximamos do local. Tratava-se, de facto, de uma anta.

Nos tempos que se seguiram, a par de um aturado esforço na procura de elementos bibliográficos sobre este interessante

* Rua da Corredoura, 37 — Paredes da Beira — 5130 S. JOÃO DA PESQUEIRA.

⁽¹⁾ Penela da Beira é freguesia do concelho de Penedono, distrito de Viseu.

⁽²⁾ Na recolha destes elementos tem sido companheiro incansável e prestimoso auxiliar, Rui Manuel Martinho, estudante, residente em Paredes da Beira.

monumento megalítico, tentamos ainda colher, de pessoas que conheciam o lugar, informações que pudessem contribuir para o seu estudo.

Foram pouco frutíferas as pesquisas bibliográficas efectuadas. Consultamos também diversas entidades e vários estudiosos do megalitismo português mas pouco ou nada nos adiantaram sobre esta anta. Também, de um modo geral, não foi muito frutuosa a recolha de informações fornecidas pelas pessoas que fomos encontrando nas proximidades do local ou que procuramos em Penela da Beira. Em regra, respondiam que, embora conhecendo o monumento, não tinham dado atenção ao facto, ou manifestavam mesmo o seu total desconhecimento.

No entanto, das informações colhidas, algumas revestem-se de certo interesse. Para que de todo em todo se não percam, aqui deixamos o seu registo.

A primeira destas indicações foi-nos fornecida pelo Sr. Vitorino, que habita há muitos anos a casa mais próxima da capela da Senhora do Monte e que é, por assim dizer, a única habitação desta zona. Informou-nos que «há anos atrás (relativamente a 1978) um senhor Bispo (de Bragança?), uma senhora espanhola e mais duas ou três pessoas tinham perguntado por casinhas daquelas». Acompanhou-os e indicou-lhes as que conhecia. Adiantou ainda que tinham tirado várias medidas e algumas fotografias a estes dólmens.

Por sugestão do Sr. Manuel Baptista, guarda-florestal que cuidava dos terrenos e viveiros florestais que se situam próximo da capela e nos deu a conhecer a existência da anta n.º 1 (Fig. 3), contactamos o P.º Joaquim Manuel Silvestre, natural de Penela da Beira e na altura a parouquiar a freguesia de Avões, Ferreiros, próxima de Lamego. Forneceu-nos interessantes indicações sobre vários aspectos de natureza arqueológica da região.

Bom conhecedor da sua terra, adiantou que a região tinha sido, em tempos, muito estudada pelo P.º Horácio, natural de Baldos, que parouquiou Penela de Beira e já na altura

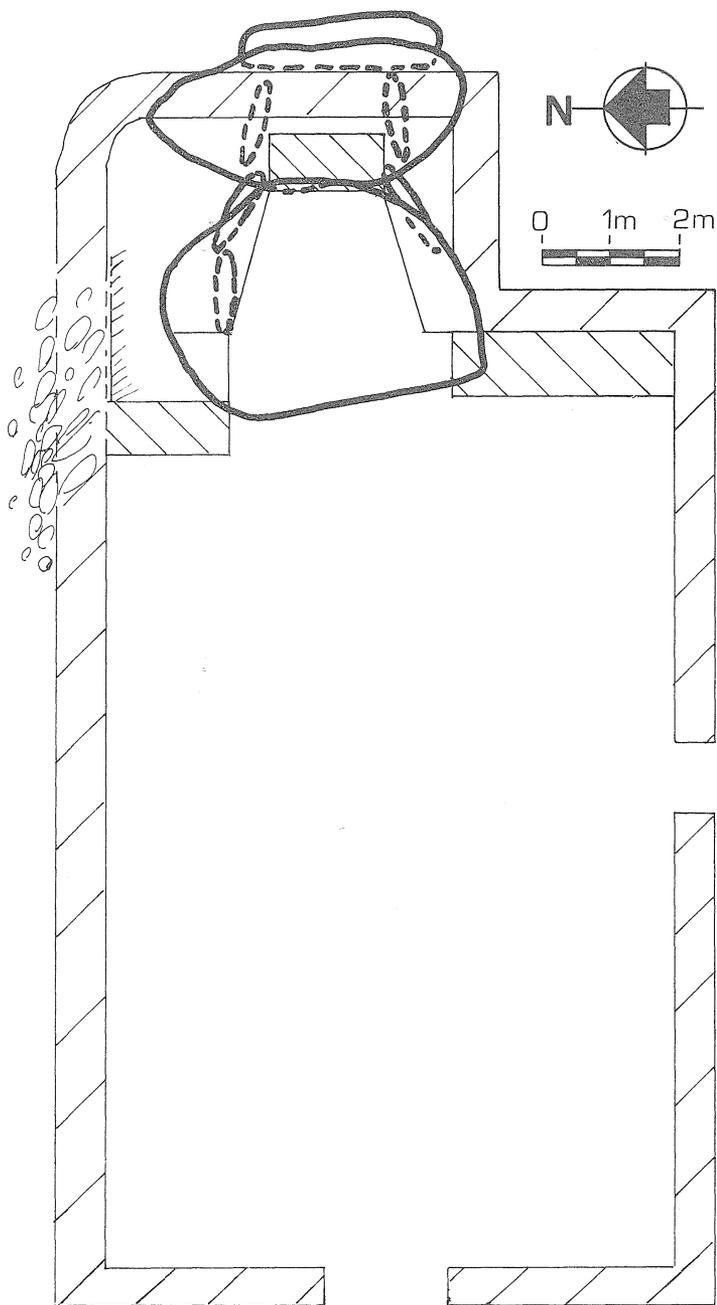


Fig. 1 — Esquema da anta integrada na capela da Senhora do Monte

falecido. Para ultrapassar problemas de saúde e também para satisfazer o seu espírito culto e estudioso, associados a uma grande curiosidade e interesse arqueológicos, o P.º Horácio calcorreava regularmente estas serras que conhecia com pormenor. Era frequente, no dizer de vários penelenses, encontrá-lo em passeio pelos montes.

Não me soube indicar o P.º Joaquim Silvestre se o P.º Horácio terá chegado a publicar algumas notas ou estudos sobre o assunto. Conseguiu, no entanto, que a anta da capela da Senhora do Monte viesse a ser considerada como Monumento Nacional (3), apesar de não ter sido feliz com o dia em que o monumento foi observado por quem viria a considerá-lo como tal. Um forte nevão que nesse dia cobria a região não permitiu a observação detalhada do monumento.

Sobre as referências escritas a esta anta, para além das notas existentes no Instituto Português do Património Cultural, apenas conhecemos a que lhe foi feita em 1979 pelo distinto historiador, P.º Dr. Manuel Gonçalves da Costa (4).

Afirmou relativamente a este dólmen.

«Caminhando agora em direcção ao poente, deparamos no meio dum desolado planalto, com as ruínas da capela medieval da Senhora do Monte, cuja capela-mor, primitiva ermida, ocupa a câmara dum velho dólmen. A lagem do chapéu, das maiores que conhecemos, serve ainda de tecto e alguns esteios foram aproveitados para fundamento dos muros da nova construção. Os muros do corpo da capela, em pedra talhada e diferente, leva-nos a supor que a primitiva ermida se limitava à própria anta. Não há notícia de se celebrar qualquer

(3) Decreto n.º 44 075 de 5 de Dezembro de 1961. Ministério da Educação Nacional. Artigo 1.º — É classificado como monumento nacional o seguinte imóvel:

Distrito de Viseu, concelho de Penedono — Dólmen da Capela de Nossa Senhora do Monte, na freguesia de Penela da Beira.

(4) Manuel Gonçalves da Costa, *História do Bispado e Cidade de Lamego*, Vol. II, Lamego, 1979, pág. 279 e 280.

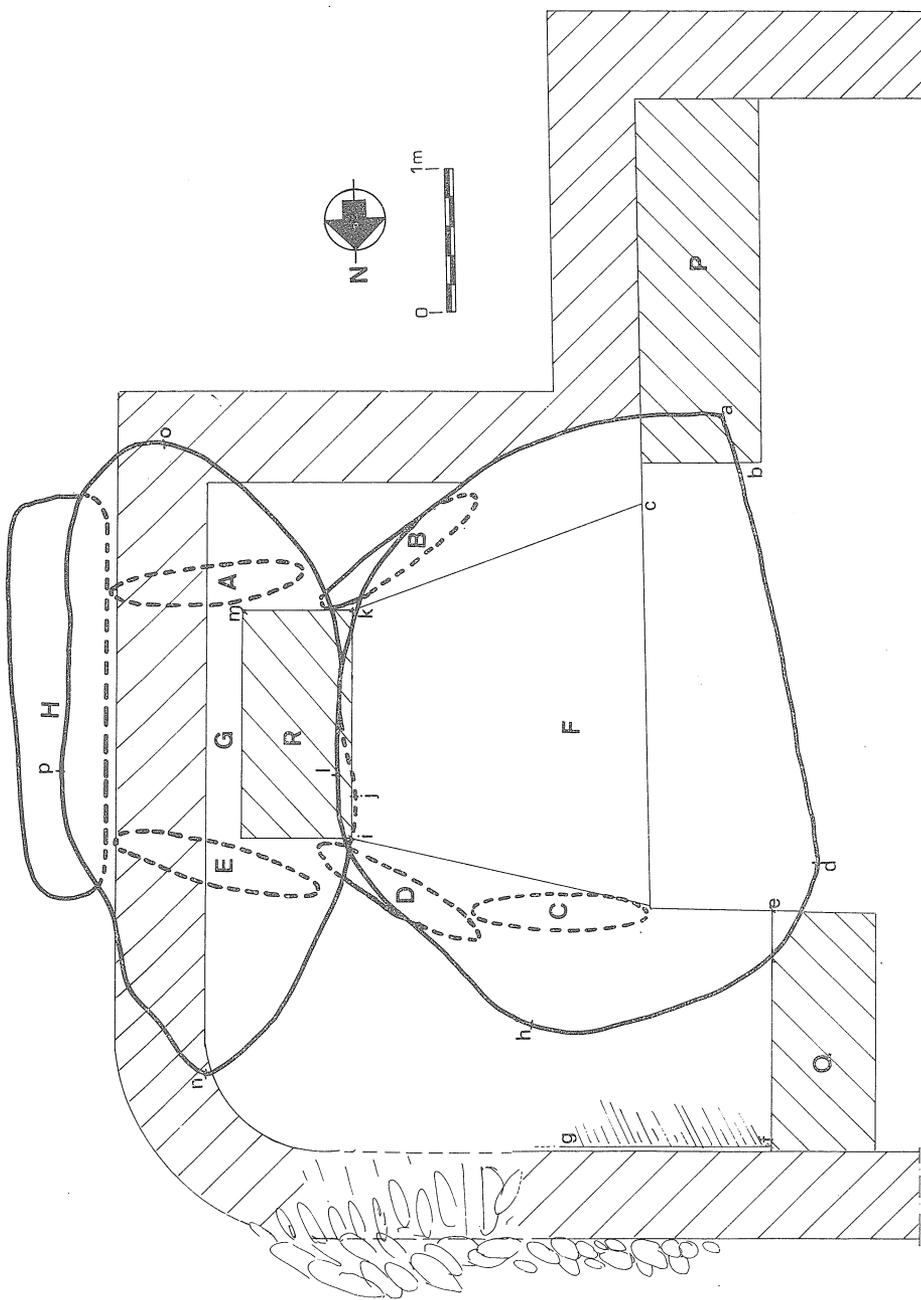


Fig. 2 — Esquema dos esteios e da cobertura da anta

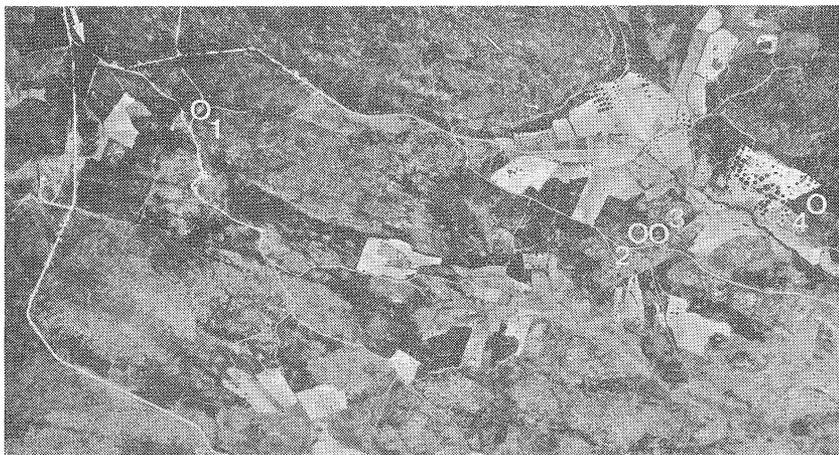
festividade na capela, mas os povos circunvizinhos vinham ali em procissão na segunda-feira de Páscoa e no dia da Ascensão».

LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DO MONUMENTO

A anta da capela da Senhora do Monte fica situada numa zona de planalto, desabitada, a uma altitude de cerca de 900 metros.

O trajecto mais fácil para lá chegar é o que parte de Penela da Beira, utilizando a estrada da floresta (assinalada na Fig. 3 com uma seta) que liga esta povoação a Paredes da Beira. Antes de se chegar à casa do guarda-florestal, volta-se à esquerda, levando o automóvel até onde for possível. Com algum arranjo no caminho o acesso ficaria muito facilitado.

Esta anta aparece enquadrada num interessante conjunto de mais três monumentos megalíticos (Fig. 3). Os terrenos que a circundam, em muito pontos cobertos por densos giestais,



Fotografia do Inst. Geog. e Cadastral

Fig. 3 — Fotografia aérea na escala aprox. de 1/25.000. Os círculos a branco indicam antas que se situam próximo da capela. O n.º 3 indica a anta que serviu de capela-mor



Foto do autor (Setembro 1978)

Fig. 4 — A anta vista sensivelmente de Nascente. A vegetação circundante havia sido, há pouco tempo, devorado pelo fogo

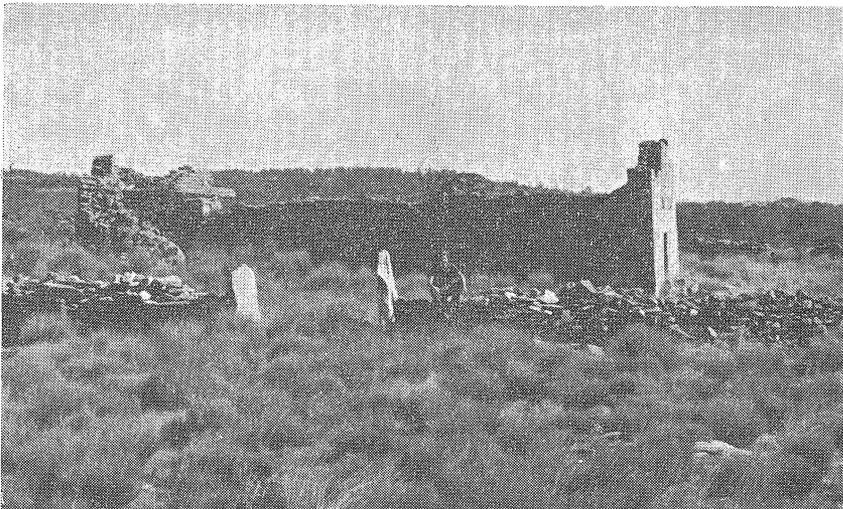


Foto do autor (Agosto 1981)

Fig. 5 — Lado Norte das ruínas da capela. Em 1.º plano, a entrada para o adro e o muro que o limita

não permitem uma inspecção mais cuidada e é provável que possam vir a encontrar-se outros monumentos deste género ⁽⁵⁾.

A anta que passamos a descrever e caracterizar aparece integrada na capela da Senhora do Monte, encaixada na parte superior deste templo religioso. O corpo da ermida, na sua estrutura geral (Fig. 1) é basicamente rectangular. Na parte que integra a anta, a parede do lado esquerdo é arredondada. A parede do lado direito faz uma reentrância de 2,65 m. (metros) e termina em ângulo recto 3 m. depois.

A capela tem de comprimento total aproximadamente 18 m. e de largura, medida até às faces da parte exterior dos muros, cerca de 9 m. As paredes têm cerca de 60 cm, de espessura.

Na parte frontal (Figs. 6 e 7) a altura máxima, no aprumo da porta é de 4,50 m. As alturas dos lados esquerdo e direito são respectivamente de 3,80 e 3,30 m. A porta principal tem 1,80 m. de altura por 1,85 m. de largura.

Possui na parede lateral esquerda dois pequenos postigos. O maior situa-se a 1,30 m. da face frontal; o outro sensível-

⁽⁵⁾ Muito pouco estudadas do ponto de vista histórico-arqueológico, as freguesias de Penela e Paredes da Beira, apresentam, neste campo, aspectos de muito interesse e que nos últimos anos temos vindo a estudar. Para além dos trabalhos que temos em adiantada fase de preparação e que esperamos publicar nos próximos números desta revista, com os títulos;

— *Antas da freguesia de Penela da Beira*,

— *O Castelo dos Mouros ou Castelo de Nossa Senhora (Castro de Paredes da Beira)*.

— *Antas da freguesia de Paredes da Beira*

— *As Pinturas Rupestres do Castelo Velho — Paredes da Beira*

foram já publicados, relativamente a uma destas freguesias, os seguintes estudos:

— Agostinho Campos Ferreira & Maria Clara Figueiredo Campos Ferreira, *O «Porco de Pedra» de Paredes da Beira — (Berrão Proto-histórico)*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Fasc. II e III, Vol. XXIII, Porto, 1978, pág. 340-345.

— Rogério Azevedo, *O porco na zoolatria Ibérica*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Fasc. II, Vol. XXIV, Porto, 1982, pág. 321-329.

— Agostinho Campos Ferreira, *Paredes da Beira teve Pelourinho*, separata do *Arrais — Semanário Independente, Defensor do Alto Douro*, N.º 294, Peso da Régua, 3 de Novembro de 1983.



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 6 — A fachada da capela vista do lado Oeste. Em 1.º plano o muro do adro



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 7 — Vista da capela tirada sensivelmente de Noroeste. É notória a diferença da pedra utilizada na fachada



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 8 — A anta vista através da porta principal da capela



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 9 — A entrada para o adro da capela. As pedras que rematam o muro terão sido esteios de alguma anta?

mente a meio do muro da capela. No lado direito, a 8 m. da frontaria possui uma porta com 1 m. de largura.

A cantaria utilizada na parte frontal exterior e numa pequena porção dos muros laterais (Fig. 7), é muito diferente da utilizada na parte restante das paredes. Enquanto a parte frontal foi construída com blocos de granito bem aparelhados, de dimensões razoáveis, nas paredes laterais foram utilizadas pedras de dimensões bem mais reduzidas.

Muito embora o informação revestisse grande interesse, não conseguimos apurar a data em que a ermida terá sido construída.

Também «não há data precisa do ano em que esta ermida foi abandonada (6). Presume-se que o tenha sido na década de 1900 a 1910. Devido ao seu completo abandono, o templo está em ruínas, desde essa data. Para isso, muito terá contribuído o golpe final que lhe foi dado pela Junta de Freguesia de então, ao mandar retirar-lhe o telhado, por volta de 1915.

Na capela existia uma imagem que se chamava de Nossa Senhora do Monte. Esta imagem, ainda hoje existe, em bom estado de conservação, encontrando-se agora na capela do Mártir S. Sebastião, em Penela da Beira.

No dia de Nossa Senhora do Monte, segundo se ouvia dizer, reuniam-se lá 7 cruces que vinham em procissão das 7 freguesias circunvizinhas. Desde que a capela foi abandonada, essas procissões deixaram de se realizar».

A anta que terá abrigado o altar-mor, encontra-se circundada pela parede da capela. A zona entre a face exterior dos esteios e a parte interior das paredes da capela foi cheia com pedra miúda e com terra.

Apresenta actualmente 5 esteios ao alto, de razoáveis dimensões, quase todos imbricados (Figs. 2, 12 e 13). A mesa

(6) Esta informação e as que se seguem foram-nos amavelmente prestadas pelo actual Presidente da Junta de Freguesia de Penela da Beira, Sr. Armando José Aguiar.

ou chapéu é constituída por duas enormes lages, cobrindo uma delas parte do corredor.

Para os cinco esteios e as duas lages que lhes servem de cobertura colhemos as medidas que a seguir passamos a indicar. Devido ao modo como os esteios se encontram integrados nas paredes da capela não foi possível uma observação cuidada, sobretudo na parte exterior dos esteios. As medidas indicadas devem pois ser tomadas com as restrições resultantes deste condicionalismo. São, pois, medidas aproximadas. A Fig. 2 mostra a disposição topográfica dos esteios e das pedras da mesa:

Esteio A — Altura à vista, 1 m.; largura média, 1,30 m.; Esteio B — 2,10 m.; 1,30 m.(?); Esteio C — 2,20 m.; 1,30.; Esteio D — 1,90 m.; 1,30 m.; Esteio E — 0,75 m.; 1,40 m.

A espessura média dos esteios deve oscilar entre os 25 e os 40 cm.

Mesa F — Perímetro, 11,60 m.; na Fig. 2, a distância entre os pontos *a* e *h*, é de 4,40 m.; entre os pontos *d* e *l* 3,20 m.; espessuras nos pontos *b* e *d*, respectivamente, 30 e 15 cm.; Mesa G — Distância aproximada entre os pontos *o* e *n*, 3,6 m.; entre pontos *j* e *p*, 1,75 m.; a espessura do bordo exterior, no aprumo dos esteios oscila entre os 20 e os 30 cm.. A mesa vem fora da face externa do muro da capela, em média, cerca de 40 cm.; Pedra H — Comprimento, 2,70 m.; largura oscilando entre 50 e 65 cm.; espessura média, 35 cm. (Fig. 10).

Sobreposta à pedra H, aparece ainda uma pedra de formato quase rectangular com as dimensões de 55 por 70 cm.

A altura média da lage F ao chão é de 2,10 m.. Entre as faces inferiores das duas lages (F e G) medeiam 40 cm., encontrando-se a lage G num plano inferior. Da face superior do altar-mor à face inferior da lage F vai cerca de 1,30 m.

Os pontos médios dos esteios A e E, que servem de suporte à mesa (pedra G), estão separados nos topos superiores por 1,45 m., e ao nível inferior distam, 1,85 m.

Como pormenor curioso refira-se que na face inferior da lage F foram pintadas pequenas estrelas que possivelmente pretenderiam figurar o céu. O muro (Fig. 11) que atravessa e



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 10 — A anta vista sensivelmente de Nascente. Em 1.º plano a pedra H, da fig. 2



Foto do Prof. S. J. (Agosto 1982)

Fig. 11 — No interior da anta, o muro que serviu de altar-mor. É visível denso conjunto de giestas e silvas existentes no interior da capela

assenta nesta lage, e que terá servido de suporte ao telhado tem actualmente na sua altura máxima 50 cm. A largura é sensivelmente a das paredes da capela

Um aspecto que não conseguimos esclarecer prende-se com o modo como estaria fechada, a nascente, a parte exterior que protegeria o altar (Fig. 10). Com pedras que entretanto

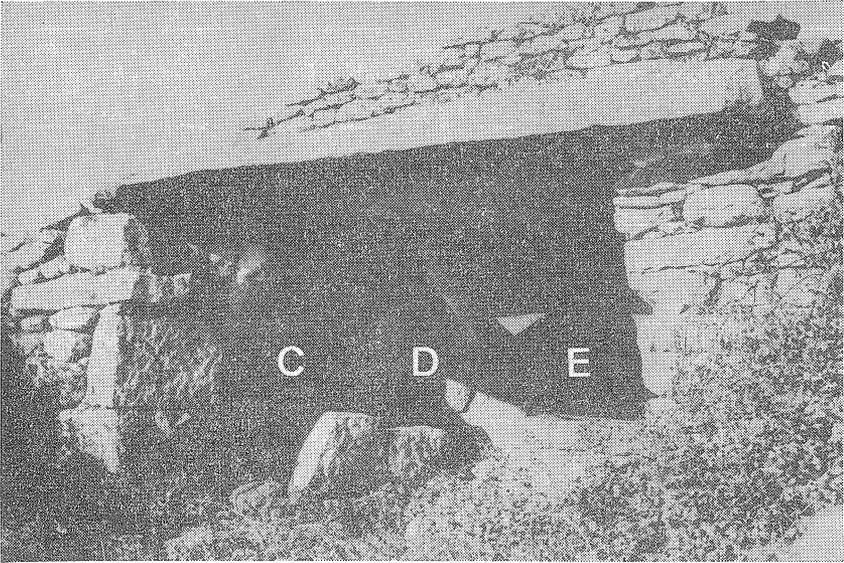


Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 12— Os esteios C, D, e E perfeitamente encaixados nos muros da capela

terão desaparecido? De salientar que junto à parte inferior dos esteios A e E se encontram 2 pedras (Fig. 10) que certamente terão pertencido a esta anta e cujas dimensões foram já indicadas. Não sabemos a função que desempenharam. Terá servido a pedra H para tapar a entrada da anta?

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA TIPOLOGIA

O estado de conservação deste monumento megalítico, o facto de se encontrar encaixado e encoberto, em muitas partes,

pelos muros que o adaptaram à função que posteriormente desempenhou e ainda a destruição que possivelmente já na altura apresentava ou a que foi sujeito, na cabeceira, aquando da construção da capela, não permitem, sem reservas, caracterizar a sua tipologia.

Notam-se ainda os restos da mamoa e atendendo à disposição do corredor, pensamos que a construção desta anta

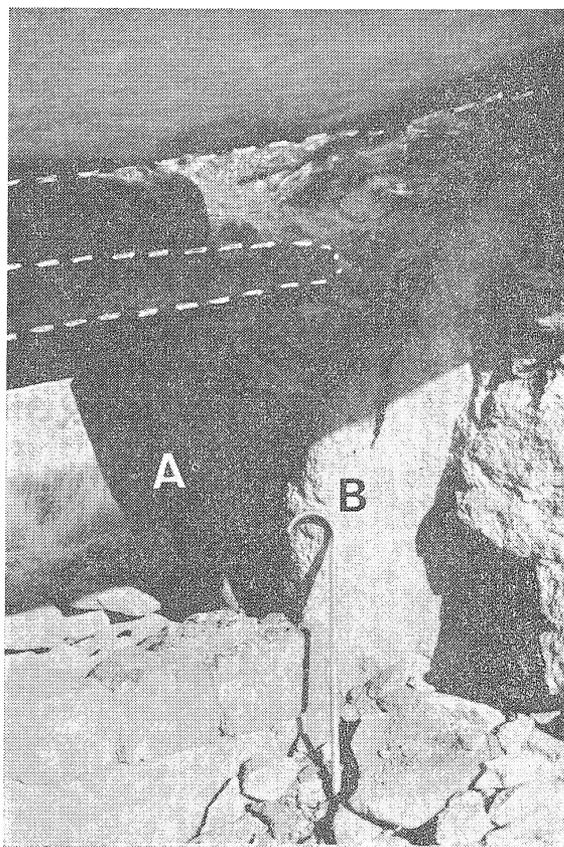


Foto do Prof. S. J. (Agosto 1982)

Fig. 13 — Os esteios A e B e o pormenor do altar. É visível o enchimento de terra e pedra miúda entre as 2 lages da mesa da anta, assinaladas a tracejado

foi orientada a nascente. Actualmente a parte mais danificada, melhor, onde faltam mais esteios é a que corresponderia à antiga câmara. Teve, muito provavelmente, forma poligonal. Terão sido os esteios desaparecidos utilizados na construção de alguma parte da capela? Terão sido destruídos para facilitarem a construção e acesso ao altar-mor? O Dr. Manuel Gonçalves da Costa (7) na curta referência que fez a este monumento, sustenta que alguns esteios foram utilizados nas fundações da nova capela. O seu actual mau estado de conservação, em alguns pontos em progressivo desmoronamento (Fig. 5) e o facto de não ser fácil observar a parte inferior dos muros, devido ao amontoado de pedras e à espessa vegetação que os cobrem e todos os anos mais se avoluma, não nos permitem, de momento, tecer considerações sobre este aspecto. É bem possível que os esteios que formavam a câmara tenham sido utilizados na nova construção. A limpeza do local, retirando-lhe as giestas e silvas que actualmente impedem uma observação cuidada, bem como a remoção do entulho, poderá facilitar, no futuro, o conveniente estudo deste monumento. É tarefa que urge encetar.

Passaremos agora a deter-nos um pouco sobre o que poderá ter sido a parte poligonal da anta.

Do ponto *e a i* (Figs. 2 e 12) vão cerca de 3 m. tendo sido construído nesse espaço um muro que deveria atingir a parte média ou superior dos esteios *C* e *D*. Do lado oposto (*c a k*), foi também construída uma parede com 2,15 m. actualmente muito desmoronada, sobretudo na parte inferior, junto ao altar, deixando a descoberto uma boa parte do esteio *B*.

Sensivelmente no aprumo do ponto que separa as lages da cobertura, aparece um pequeno muro, *i a k*, que terá constituído a parte frontal do altar-mor (*R*). Tem de comprimento 1,60 m. e de altura, na parte à vista, 85 cm. A face frontal deste muro do altar, na sua parte superior, era constituída

(7) Manuel Gonçalves da Costa, *cit.*

por 6 pequenas pedras de comprimento variável e com cerca de 20 cm. de altura. A largura do altar (*k a m*) era de 80 cm.

Possuía ainda esta capela mais dois altares, colocados de cada um dos lados, perpendicularmente aos muros laterais da capela, assinalados na Fig. 2 com as letras P e Q.

A entrada que conduz ao altar-mor, que deverá ter sido constituída por vários esteios, tem uma abertura de 2,90 m. entre os vértices dos muros que também sustentam a pedra da mesa F (Fig. 12).

Ainda um pormenor curioso. O terreno onde se encontra a capela está delimitado por uma pequena parede de pedra solta, em forma quase circular. Possui uma única entrada, situada à esquerda do corpo da capela. Esta entrada, com a largura de 2,60 m. tem de cada um dos lados onde termina o muro delimitativo do adro, duas pedras ao alto (Fig. 9) com as seguintes dimensões:

Pedra da esquerda (com referência a quem entra no adro) — altura à vista, 1,30 m.; largura média, 90 cm.. Pedra da direita — altura à vista, 1,50 m.; largura média, 1 m. Terão sido estas pedras, esteios desta ou de outra anta que possa ter existido nas proximidades?

Embora não dispondo de elementos que possibilitem uma afirmação sem reservas, parece-nos que a ermida primitivamente edificada se deveria circunscrever a pouco mais que a própria anta. O tipo de muros que a circundavam assim o podem levar a supor. Aparentemente as paredes da nova capela terão sido construídas de modo a englobarem a anterior construção que actualmente constituiu a parte mais desmoronada da capela (Fig. 5). A título de mera referência podemos salientar que a parede *e* e a *f* situada do lado esquerdo, perpendicularmente ao muro da capela, no seu topo (*f a g*) possui pedra aparelhada que encosta perfeitamente ao muro lateral da capela. Estas considerações são no entanto simples conjecturas que carecem de labor e análise mais profunda e cuidada. Gostaríamos de salientar, todavia, que os casos conhecidos

em Portugal de antas transformadas em capela, se circunscrevem, em regra, à própria anta.

CRONOLOGIA

Bem curioso e com muito interesse será o estudo da cronologia não só deste monumento mas ainda dos que integram o núcleo onde esta anta aparece enquadrada. Permitirá a datação deste monumento e o confronto com outros núcleos de monumentos megalíticos, nomeadamente com o que lhe fica próximo, em Paredes da Beira.

Apesar dos insistentes esforços que desenvolvemos tentando indagar sobre o eventual aparecimento de quaisquer objectos junto ou no interior desta anta, não foi possível colher qualquer informação com interesse, pois nada nos foi adiantado sobre o assunto. As pessoas interrogadas apenas tinham conhecimento de escavações, melhor dizendo, de remeximentos desordenados e infrutíferos. O estudo desta anta, nomeadamente através de trabalhos de escavação, possibilitará certamente, o aparecimento de espólio que poderá vir a fornecer elementos seguros não só sobre a idade da anta mas ainda sobre outros aspectos de múltiplo interesse.

SIGNIFICADO (TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO)

A singularidade deste monumento e o facto de associar e enquadrar construções (anta e capela) tão distanciadas no tempo, suscita-nos uma reflexão em torno da tentativa de interpretação do seu significado.

A construção da ermida, aproveitando a existência da anta, terá sido concretizada pelo facto de já na altura ter sido associado a este monumento megalítico qualquer significado ou ideia de culto?

O eventual conhecimento da finalidade destes túmulos funerários colectivos, destinados por vezes ao enterramento

sucessivo numa câmara comum dos membros de uma comunidade, terá inspirado qualquer analogia com o enterramento dos mortos no interior dos templos religiosos, particularmente na época medieval, motivando neste sentido a adaptação da anta a capela?

Terá sido o espírito prático do homem, particularmente a prevalecer a tese de que a primitiva capela se circunscreveria à própria anta, que o levou, por questões de comodidade e economia, a aproveitar o monumento megalítico já existente?

É bem provável que alguma destas razões tenha levado a que este monumento dolménico, originalmente destinado a sepultura, talvez colectiva, tenha sido nos tempos cristãos transformado em capela para a prática do culto católico.

Os Drs. O. da Veiga Ferreira, M. Leitão e o Eng.º C. T. North ⁽⁸⁾ sustentam que «a ideia do aproveitamento de antigos túmulos para santuários ou monumentos dedicados a diversos cultos humanos se perde na noite dos tempos». E acrescentam ainda que «com o tempo os costumes mudam, ou por evolução lenta, ou pela chegada de novas influências e, mais tarde, perdida a noção do primitivo emprego desses monumentos, os cristãos os reutilizaram para implantar ali o culto de um ou outro dos santos da sua devoção».

BREVE ALUSÃO A MONUMENTOS SEMELHANTES

Em Portugal a anta da capela da Senhora do Monte é o 4.º monumento deste tipo de que temos conhecimento. São casos raros, tanto quanto sabemos, não só em Portugal como no estrangeiro.

O Dr. Veiga Ferreira e outros ⁽⁹⁾ referiram-se a antas ou dólmenes que foram aproveitados muito posteriormente à sua

⁽⁸⁾ O. da Veiga Ferreira, M. Leitão e C. T. North. *Breves Apontamentos Sobre as Antas-Capela em Portugal*, Estratto de «Estudos Italianos em Portugal», N.º 40-41-42, 1980, págs. 119-124, c/ 4 fotografias.

⁽⁹⁾ O. de Veiga Ferreira & outros, *cit.*

construção e destino funerário, para capela cristã e dão a conhecer a existência de 3 antas-capela, indicadas em trabalhos anteriores, que citam, de Vergílio Correia (10), G. e V. Leisner (11) (12) e J. Pires Gonçalves (13).

A título comparativo passamos a transcrever (14) as referências a estas 3 antas-capela.

ANTA DAS ALCOBERTAS — RIO MAIOR (ESTREMADURA)

A parte correspondente à antiga cripta funerária foi aproveitada por inserção, entre os esteios, na sua parte superior, de uma parede de alvenaria de forma a constituir uma continuação arredondada encimada por um telhado cónico à antiga portuguesa, isto é, com telha de canudo. No centro deste telhado foi posto uma espécie de pináculo de calcário, com frisos sobrepostos.

A anta é constituída por sete esteios grossos e altos (4 m. da superfície do solo actual), de calcário, tendo ainda dois esteios no corredor, um de cada lado da entrada, com tampa e laje de fecho entre esta última e o chapéu. A área da câmara é poligonal e mede 4,30 m. X 4 m. A largura da galeria é, na entrada, de 2 m.

No interior da igreja, a entrada é revestida de azulejos de desenho simples, que ocupam as paredes laterais e todo o arco postigo que fecha a parte superior. Ao fundo da câmara, contra

(10) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Museo Nacional de Ciencias Naturales, Comision de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memória 27, Madrid, 1921.

(11) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, 1, Madrider Forschungen, Berlin, 1956, págs. 95-97.

(12) Vera Leisner, *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, 2, Madrider Forschungen, Berlin, 1959, pág. 99.

(13) J. Pires Gonçalves, *Roteiro de alguns megálitos da Região de Évora*, separata de «A cidade de Évora», N.º 58, Évora, 1976.

(14) O. da Veiga Ferreira & outros, *cit.*

a cabeceira do antigo dólmen, erigiu-se um altar que tem, na face dianteira, a representação em azulejos simples, dentro de um quadro com moldura, da divindade cristã, Santa Maria Madalena,

ANTA-CAPELA DE S. DIONÍSIO — PAVIA
(ALTO ALENTEJO)

A anta-capela de S. Dionísio situa-se no centro da vila de Pavia. A câmara deste antigo dólmen, que tem sete esteios enormes (o maior tem, fora da terra, 4,10 m de alto), quase todos imbricados, e grande chapéu ou mesa, está inteiramente ocupada pela capela, faltando por completo os vestígios do corredor assinalados por Vergílio Correia no seu citado trabalho. Ainda existem os degraus de acesso, a porta de madeira e o campanário que se lhes sobrepõe, e no interior o altar revestido de azulejos continua encostado à cabeceira; mas o painel de azulejos com a imagem de S. Dionísio, que existia ainda há pouco sobre o altar, foi deitado abaixo por um selvagem qualquer. Foi colocada agora uma imagem da Senhora das Dores.

ANTA-CAPELA DE S. BRISSOS — MONTEMOR-O-NOVO
(ALTO ALENTEJO)

Segundo o Dr. J. Pires Gonçalves, o acesso é praticável por automóvel. Diz o Dr. Pires Gonçalves: «Estrada Évora-Alcáçovas. Derivar para Valverde e continuar, depois, pela estrada que liga esta aldeia ao Escoural.

A anta convertida em ermida de Nossa Senhora do Livramento, está situada na herdade de Nogueirinha, uns 2 km para além do cemitério e da Igreja de S. Brissos, a sul da estrada que segue para o Escoural e a uns 100 m. da estrada.

A ermida, toda caiada e com rodapé azul, ergue-se num cabeço povoado por frondosas azinheiras, perto de dois montes, um à direita e outro à esquerda da estrada.

Os restos da anta, constituindo o átrio da ermida, encaram o N e neste mesmo lado está rasgada a pequena porta rectangular que deve ocupar o espaço morto de um esteio desaparecido, provavelmente aquele que, tombado a poente, ali se vê, agora, a servir de banco para os romeiros.

Alguns esteios da câmara, com a altura aproximada de uns 3 m., e um troço da mesa de cobertura, tudo de granito, formam o átrio da ermida. Restos dispersos do primitivo corredor do dólmen ainda hoje se podem ver a nascente, parcialmente destróçados e cravados no terreno. O altar-mor da ermida, do lado sul, é uma construção cúbica moderna, de alvenaria».

SUMMARY

The Dolmen of Senhora do Monte's Church

In this article we give you notice of a very curious and interesting case of the adaptation and transformation of a dolmen as a major altar of a medieval church, nowadays half ruined.

These cases are very rare in the Portuguese megalithic monuments and this is the only case known in the north of Portugal.

Besides the location, description, characterization and essay to interpret the meaning and reasons that could have led the medieval religiosity to use this dolmen as the major altar of this church, a reference is also made to other similar cases known in Portugal.